

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

CURSO DE LICENCIATURA EM PSICOLOGIA

GIOVANA DE ANDRADE CHASSOT

A IDENTIDADE DOCENTE: DO PSICÓLOGO CLÍNICO

AO DOCENTE EM PSICOLOGIA

Porto Alegre

2014

GIOVANA DE ANDRADE CHASSOT

A IDENTIDADE DOCENTE: DO PSICÓLOGO CLÍNICO

AO DOCENTE EM PSICOLOGIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul –  
UFRGS como requisito parcial para a obtenção do  
grau de licenciada em Psicologia

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rosângela Soares

Porto Alegre

2014

A IDENTIDADE DOCENTE: DO PSICÓLOGO CLÍNICO  
AO DOCENTE EM PSICOLOGIA<sup>1</sup>

Giovana de Andrade Chassot<sup>2</sup>

Rosângela Soares<sup>3</sup>

RESUMO

O presente trabalho procura refletir e discutir, sobre a construção da identidade profissional do psicólogo professor. Aquele profissional que em sua formação inicial trabalha com um olhar clínico e, a partir da formação na licenciatura, passa a realizar um trabalho de docente em psicologia. Aponta a importância desse profissional na escola e a diferenciação do seu papel enquanto psicólogo nas diferentes áreas de atuação, sem descaracterizar e desconsiderar afinidades, como também as distinções. Ainda, busca refletir sobre a importância da disciplina de Psicologia na formação dos profissionais dos cursos técnicos da área da saúde.

**PALAVRAS CHAVE:** psicólogo docente, licenciatura, psicologia na sala de aula, formação na área da saúde.

---

<sup>1</sup>Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

<sup>2</sup>Acadêmica do Curso de Licenciatura em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS – e-mail: chassotg@gmail.com

<sup>3</sup>Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul –UFRGS

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
FORMAÇÃO DO PROFESSOR	6
DOCÊNCIA EM PSICOLOGIA	8
RELATO DE UMA CENA (EXPERIÊNCIA)	11
O QUE ESSA CENA TEM A VER COM A DOCÊNCIA DE PSICOLOGIA NA ÁREA DA SAÚDE?	13
CONCLUSÃO	17
REFERÊNCIAS	18

## INTRODUÇÃO

Sou formada como Bacharel em Psicologia há 20 anos, comemorados agora no final deste semestre. Me formei na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, onde tive a possibilidade de estudar, estagiar e conhecer as áreas da psicologia clínica, da organizacional e da escolar. Em cada uma dessas áreas desenvolvi estágio e estudei muito. Mas a clínica foi minha escolha profissional.

O momento de vida, as oportunidades de trabalho e de formação pós-conclusão da graduação me encaminharam e me fizeram firmar meu trabalho na clínica. Porém, a psicologia escolar ou o tema educação sempre estiveram muito presentes na minha vida e nos meus interesses.

Através da clínica também me mantive presente em trabalhos escolares, prevenção e conhecendo sempre mais da realidade da educação.

Em 2010 tive a oportunidade de fazer a seleção para cursar a Licenciatura em Psicologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Fazer esse curso daria a mim a possibilidade de me incluir novamente na universidade e em trabalhar com a educação.

A partir de todo esse tempo cursando as disciplinas, trabalhando e reavaliando crenças, uma pergunta esteve sempre presente: como olhar a sala de aula, os alunos, o papel do docente em psicologia sem confundir ou misturar com o olhar e a postura clínica?

Então, o presente trabalho tenta fazer essa reflexão e busca algumas respostas. Imagino que de alguma forma possa acrescentar argumentos e reflexões para aos que, assim como eu, acreditam na importância do nosso trabalho tanto na clínica como na educação, mais especificamente na docência.

Na primeira parte faço uma reflexão sobre a formação do professor em uma visão mais ampla. Na segunda, sobre a docência em psicologia e na terceira, um relato sobre uma experiência vivida, abrindo a discussão para a docência em saúde, vivenciada através da prática no estágio curricular no Grupo Hospital Conceição - GHC.

## FORMAÇÃO DO PROFESSOR

Mudanças e transformações sociais fazem parte de uma demanda social para a educação. Uma educação com olhar atento à diversidade, professores preparados e envolvidos numa perspectiva de constante reflexão sobre a natureza do *seu papel* as questões que envolvem a identidade docente, vem se desenvolvendo a partir da formação de um professor que atue profissionalmente, de maneira significativa e transformadora.

Os professores têm que se assumir como produtores da "sua" profissão. Mas sabemos hoje que não basta mudar o profissional; é preciso mudar também os contextos em que ele intervém. (HOLLY & MCLOUGHLIN, 1989; LYONS, 1990 apud NÓVOA, 1992).

Um desses contextos e que está na base da formação do professor atual é a necessidade de uma formação estruturada em um projeto político e educacional consistente, sólido e que busque qualidade e relevância social, proporcionando assim, o desenvolvimento de uma consciência crítica por parte do professor.

Nóvoa (1992) refere que pensar a formação de professores é buscar dimensioná-los como seres históricos e sociais, que só existem mediante suas práticas, também histórica e socialmente construídas, que os colocam diante de uma diversidade de possibilidades e de opções e que exigem um posicionamento frente ao mundo e à educação.

A formação docente se dá através de um trabalho de construção permanente de uma identidade pessoal, não considerando um acúmulo de cursos ou estudos, mas sim uma mescla reflexiva em busca de um saber da experiência.

Devolver à experiência o lugar que merece na aprendizagem dos conhecimentos necessários à existência (pessoal, social e profissional) passa pela constatação de que o sujeito constrói o seu saber ativamente ao longo do seu percurso de vida. Ninguém se contenta em receber o saber, como se ele fosse trazido do exterior pelos que detêm os seus segredos formais. A noção de experiência mobiliza uma pedagogia interativa e dialógica. (DOMINICÉ, 1990, p. 149-150, apud NÓVOA, 1992).

É nessa perspectiva que Hameline, (1991) aborda sobre os saberes. Afirma o autor que o esforço de uma formação passa sempre pela mobilização de vários tipos de

saber: saberes de uma prática reflexiva; saberes de uma teoria especializada; saberes de uma militância pedagógica. (apud NÓVOA, 1992)

Já, Alvorado Prada, 1997, complementa afirmando que esse contraste de saberes é considerado um avanço e uma forma humana de se aproximar da solução de problemas cotidianos através da construção de conhecimento por meio da pesquisa, na qual teoria e prática são tratadas como coisas separadas, assumem uma transversalidade e configuram-se nas suas interfaces. Isso contribui para a construção de novos saberes e para a possibilidade de transformação das situações levantadas pelo coletivo. (apud LONGAREZI e ALVES, 2009)

Ser professor no século XXI, portanto, redundando na urgência de se reverem posições do que seja educar neste momento, de modo a contribuir para a formação de cidadãos capazes de construir alternativas e saídas para desafios que lhes são colocados no cotidiano. Implica um maior domínio das informações que circulam em distintos campos, transbordando os aparentes limites das diferentes áreas do conhecimento e a compreensão das relações existentes entre elas. Significa estar comprometido com a permanente construção da escola e de sua dinâmica, compartilhando seu coletivo e compreendendo de forma histórica o espaço onde atua, bem como os seus alunos, o conhecimento que trazem e suas expectativas. (HAGE, 2010, pag. 7).

A importância de uma reflexão sobre o processo de formação docente e a prática do professor na realidade educacional de hoje se torna uma prática urgente, pois a sociedade demanda profissionais competentes e envolvidos que atuem no desenvolvimento e formação de pessoas, sujeitos conscientes de seu papel social, no mundo atual. Abordar a formação de professores implica em refletir sobre a função social da escola, pois é nela que se produzem os saberes necessários para tal com apontam Longarezi e Alves (2009).

Portanto, a escola, espaço de trabalho do professor, é, por excelência, o lugar de formação profissional docente, pois nela os professores interagem entre si, trocam ideias, sobre suas histórias, culturas, necessidades, desejos, intenções e adquirem, por meio desses valores, saberes historicamente acumulados sobre conteúdos e sobre a prática pedagógica (p. 130).

A formação do professor, à luz de uma concepção de educação comprometida com o processo social, exige que ele seja pensado como profissional com tudo o que isso implica no plano científico e técnico. O que se almeja: um profissional com capacidade de inovação, de participação nos processos de tomada de decisão, de produção de conhecimento, de participação ativa no processo de reconstrução da sociedade, via implementação da cidadania (HAGE, 2010, p. 10).

Na próxima parte deste trabalho procuro refletir sobre a formação do docente em psicologia, através da Licenciatura em Psicologia. A formação do docente em psicologia diferenciada do psicólogo que trabalha como professor, mas ainda dentro de um olhar teórico-clínico, explicado pela formação profissional anterior a Licenciatura. Minha intenção aqui é refletir esse modelo de docente, agora habilitado através da Licenciatura e seu papel na sala de aula, com alunos de nível técnico, principalmente. O docente diferenciado por sua formação, pois está habilitado para planejar uma aula, utilizar metodologias com fundamentação teórica, realizar avaliação dentro dos princípios da metodologia que utiliza.

## DOCÊNCIA EM PSICOLOGIA

A entrada da Psicologia como disciplina de ensino médio no Brasil se dá através das Escolas Normais, responsáveis pela formação de professores, principalmente na década de 1930. Neste contexto, o movimento da Nova Escola vivia um segundo momento em que teóricos importantes deslocaram a responsabilidade pela aprendizagem da “forma de ensinar” para as “condições de aprendiz”. Assim, o saber psicológico encontrava-se extremamente valorizado, uma vez que normatizava e prescrevia padrões acerca do desenvolvimento normal ou patológico infantil, além de oferecer uma compreensão acerca da própria aprendizagem. Constrói-se uma pedagogia voltada às potencialidades individuais dos alunos, na qual a psicologia ganha força e reconhecimento por executar a avaliação e classificação dessas potencialidades (PATTO citado por SOARES, 1994, apud MARASCHIN, FREITAS e CARVALHO, 2003, p. 180).



Na década de 50 muitos debates aconteceram sobre a legalização da formação e da profissão do psicólogo no Brasil. Em 1953, um projeto submetido ao Ministério da Educação e Cultura dava conta sobre uma necessária formação teórica e prática do profissional. Essa parcela teórica seria o curso de bacharel, com três anos de duração.

A parte prática formava o licenciado em Psicologia. Aqui, parece que o significado do termo “licenciado”, não é necessariamente, “professor de psicologia”. O termo “licenciado”, nesse documento de 1953, parece se referir àquele que poderia aplicar a psicologia com finalidades práticas. Os termos “licença” e “licenciado” parecem se referir a obter um documento – um diploma – que habilitava o psicólogo a praticar a psicologia. (...) Dessa maneira, embora “licenciado” não fosse sinônimo de professor, o termo parecia abranger esse exercício profissional. Isso porque a docência de Psicologia compunha os fazeres típicos dos “especialistas” em psicologia, no Brasil, desde o início do século XX. (BAPTISTA, 2010, apud SEKKEL e BARROS, 2013, p. 52).

Na Lei nº 4119, de 27 de agosto de 1962, há o indicativo de que a formação em Psicologia implicava, necessariamente, a formação do professor de Psicologia. Para as três habilitações (Bacharel, Psicólogo e Licenciado), havia prerrogativa da docência como atividade de cada uma delas. Concebia-se que o professor de Psicologia era um profissional no exercício da Psicologia. Em 2011, a discussão sobre a formação do professor de Psicologia voltou à tona, graças à Resolução nº 5, que instituiu as novas DCNs (*Diretrizes Curriculares Nacionais*) para os cursos de graduação em Psicologia. Essas mudanças impactaram, sobretudo, a formação do professor de Psicologia (CIRINO e MIRANDA, 2013, p.43,).

Soligo e Azzi,(2008), abordam que as Diretrizes Curriculares para a Formação em Psicologia, embora não apresentem impedimentos à oferta das Licenciaturas, organizam os conhecimentos específicos em ênfases, e essa forma de organização precisa ser compatibilizada com as atuais Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores. A necessidade de compatibilização entre esses dois referenciais, se por um lado apresenta-se como um grande desafio, por outro mostra um potencial formador relevante, já que permite aproximar o futuro psicólogo e professor

de psicologia das questões envolvendo as políticas educativas, os sistemas, orientações curriculares e outras dimensões do processo educativo, fundamentais para a compreensão dos processos psicológicos no contexto educacional/escolar. (p. 76)

Por isso a necessidade de ensinar as diferenças entre as funções do psicólogo escolar, do psicólogo clínico e do professor de psicologia. Ao afirmar essas diferenças, enfatizamos a função do professor como aquele que, fazendo parte da equipe de professores de uma escola, irá mediar a aprendizagem de conteúdos conceituais importantes para formação do sujeito (MACHADO e SEKKEL, 2013, p. 152, apud SEKKEL e BARROS, 2013).

Pasquotto, 2003 desenvolve a ideia sobre a pouca valorização da Psicologia enquanto disciplina no que diz respeito a um nível menor de exigência e compromissos com notas. Ainda ressalta que muitas vezes o professor de Psicologia é visto como aquele que ajuda os alunos a resolver problemas pessoais ou do grupo.

Ribeiro e Pedruzzi, 1995 (apud MARASCHIN, FREITAS e CARVALHO, 2003), afirmam que esses fatores evidenciam, muitas vezes, o caráter “terapêutico” que certas aulas adquirem, em detrimento dos objetivos pedagógicos.

Pasquotto, 2003 diz ainda que, “para o psicólogo-professor, transitar entre elas pode se tornar uma tarefa difícil, na qual a indefinição de papéis pode prejudicar o exercício da docência” (apud MARASCHIN, FREITAS e CARVALHO, 2003, p. 181).

Aparentemente, a Licenciatura em Psicologia procura responder às demandas sociais, políticas e culturais atuais de construção de uma sociedade mais democrática e mais ética, trazendo consigo visões de homem e de mundo que vão muito além de fornecer um conhecimento “instrumental”, mas que interferem diretamente no processo de subjetivação das pessoas envolvidas (MARASCHIN, FREITAS E CARVALHO, 2003, p. 181).

Machado e Sekkel, 2013, explicam que para que essas discussões possam ser aprofundadas, entendemos que a formação dos professores de Psicologia deve ter como conteúdo a função da educação em uma sociedade de classes, a história da relação entre a Psicologia e a Educação nessa sociedade, o processo de subjetivação constituído nas

dinâmicas grupais e institucionais do cotidiano, a relação do sujeito com o aprender, aspectos técnicos e teóricos da psicologia, do ponto de vista de seus fundamentos, e questões inerentes ao universo escolar e à prática educativa. (p. 152)

### RELATO DE UMA CENA (EXPERIÊNCIA)

Quero descrever aqui uma vivência minha, acontecida há uns 5 anos, que pode em muito contribuir para minha reflexão e evolução deste trabalho. Sem dúvida, essa vivência me vem hoje não como crítica ou descaso com a função dos profissionais da área da saúde, ao contrário, como uma tentativa de reflexão sobre o quanto podemos e devemos trabalhar com esses alunos/profissionais da área da saúde.

Em 2009 passei por dois procedimentos cirúrgicos em um período de 60 dias entre um e outro, em um hospital de referência, em Porto Alegre. Fui muito bem atendida e agradeço toda atenção a mim dedicada por toda equipe. Essa é a minha visão de paciente.

Como, na paciente, existe uma psicóloga, algumas situações não passaram despercebidas.

Depois do meu primeiro procedimento cirúrgico, na sala de recuperação, assisti alguns episódios importantes. À medida que me acordei da anestesia, fiquei aguardando leito por muitas horas. Assim, minha consciência estava preservada, com boa capacidade de pensamento, análise crítica e afeto adequado ao momento.

Assim como eu, vários outros pacientes aguardavam leito ali na sala de recuperação. Estávamos em agosto de 2009, no auge do surto da gripe A e todo cuidado era necessário.

Bem, a equipe de enfermagem faz troca de plantão de 6 em 6 horas. Durante essas trocas, sabemos que a equipe passa informações para os que estão chegando sobre os pacientes, dos acontecimentos, da rotina. Enquanto isso acontece, nós pacientes, ficamos um período sem atendimento direto, pois a justificativa é que estão trocando de plantão e logo a rotina será retomada. Quase não valorizam o que está acontecendo com os pacientes durante esse tempo.

Um fato simples, porém delicado, ocorreu com um paciente durante a troca de um desses plantões. Volto a dizer, essa é uma tentativa de reflexão muito sobre esse caso.

Um paciente homem, com idade já avançada ficava bem na minha frente, porém do outro lado da “central” da equipe de enfermagem.

Ele pedia insistentemente para fazer xixi.

Paciente: quero fazer xixi!

Equipe: sem resposta ao paciente

Paciente, depois de uns 10 min.: quero fazer xixi!

Equipe: sem resposta ao paciente

Paciente novamente: xixi...

Enquanto isso a equipe já há mais de 30 minutos estava trocando de plantão. Porém, do meu leito, bem próximo a central da enfermagem, onde ficam materiais, prontuários, computadores, medicamentos, eu podia escutá-los. Escutava a conversa sobre a noite anterior, as conversas pessoais, os interesses sobre troca de plantão,... Enfim assuntos aleatórios que não os impediam de atender em prioridade aquele paciente.

Paciente: xixi... Por favor, xixi! Eu não aguento mais esperar!

Equipe: nada

Eu: sinalizei com a mão. Chamei a técnica mais próxima. Ela veio. Eu pedi, podem, por favor, atender aquele senhor que está há tempo pedindo para fazer xixi? Por favor!

Equipe: já vamos atendê-lo.

E a conversa, a risada seguiam.

Paciente: xixi! Eu não aguento o mais...

Muito sutilmente um técnico chegou à SR e escutou a solicitação daquele senhor. Logo foi buscar o “papagaio” para o paciente e chamou a atenção das suas colegas. Lógico que o paciente já havia se urinado.

O técnico disse: por que o senhor não pediu antes?

Paciente: estou chamando há tempo, já chorando.

Técnico: colegas, vocês não viram o paciente chamando?

Equipe: estávamos trocando o plantão, já íamos atendê-lo. Temos que chamar a equipe da limpeza. Trocar tudo no leito dele.

E eu ali, na frente, assistindo tudo e com vontade interferir. Injustiça com o paciente, descaso, pouca sensibilidade?

Já se passaram cinco anos e eu ainda lembro-me da cena. E provavelmente não será esquecida.

Por que trazer isso agora? Será que algo poderia ser feito diferente? Será que se pararmos para pensar sobre os profissionais e os pacientes de uma Sala de Recuperação, existiria algum tipo de atendimento mais especializado?

## O QUE ESSA CENA TEM A VER COM A DOCÊNCIA DE PSICOLOGIA NA ÁREA DA SAÚDE?

Diante do papel de psicóloga clínica que, avalia, interpreta e trata, ou de um olhar institucional/organizacional que faria uma intervenção na equipe, tento pensar na formação desses profissionais, tão importantes para todos nós. Aliás, só sabemos da real importância deles, quando efetivamente estamos em um leito, necessitando do seu cuidado.

O profissional precisa saber avaliar criticamente sua própria atuação e o contexto em que atua e interagir ativamente pela cooperação entre os colegas de trabalho, constituindo coletivos de produção da saúde, mediante a alteridade com os usuários dos serviços em que atuam ou sob a mediação com as instâncias da sociedade que participam do

controle social em saúde. É imprescindível que haja coerência entre a formação, as exigências esperadas de atuação profissional e a necessidade de democratização da participação e dos acessos da sociedade aos direitos à educação e à saúde, portanto, a qualidade da formação não pode responder apenas às dimensões do aprender a aprender, do aprender a fazer, do aprender a ser e do aprender a conviver, deve estar implicada com o papel social e político do trabalho em saúde. A formação é, sobretudo, a condição de refazer permanentemente as relações profissionais com os usuários dessas relações de modo responsável e comprometido. (CARVALHO & CECCIM, 2006, p. 8).

Em um curso de formação de técnicos de enfermagem ou profissionais da área da saúde, pensar o paciente como prioridade se faz fundamental. O paciente está fragilizado. A capacidade da equipe em colocar-se no lugar do outro, considerar sua queixa ou solicitação é naquele momento a prioridade.

Bandeira-Melo (2010) descreve a presença do ensino de Psicologia na formação de enfermeiras a partir do caso da Escola de Enfermagem Carlos Chagas, em Belo Horizonte, na década de 1930. De acordo com a autora, diversas personagens importantes dessa Escola tiveram estreito contato com a Psicologia, o que ocorreu a partir de sua atuação como professores de Psicologia, como o caso de Waleska Paixão<sup>1</sup>. O ensino da Psicologia, na Enfermagem, compunha o quadro de uma formação científica e moderna para a enfermeira. (apud SEKKEL, e BARROS, 2013, p. 48).

No decorrer do século XX uma forte discussão sobre a saúde pública brasileira se estabeleceu e surgiu também a necessidade de debater na área da saúde coletiva a formação dos profissionais, de escolas e de perfis de formação.

(...) É da saúde coletiva a preocupação com os perfis das novas gerações profissionais porque a sua pergunta não é a da proporção de expedição de diplomas, mas a capacidade de impacto das profissões de saúde na qualidade de vida das populações. Um profissional de saúde não pode ter em vista sua projeção técnica ou científica senão na relação de assistir ao outro em suas necessidades (é isto o que quer

---

<sup>1</sup>Waleska Paixão (1903 – 1993) foi professora de Psicologia na Escola de Enfermagem Carlos Chagas e uma das pioneiras nos estudos de história da Enfermagem, no Brasil.

dizer exercer a clínica) e numa relação ética com a vida (pertencer ao *sócius* em que uma prática existe como profissão). (CARVALHO, & CECCIM, 2006, p. 4).

O conceito de saúde segundo a Organização Mundial da Saúde, datado em 1946, diz que saúde é a expressão de “bem-estar físico, mental e social”, não só ausência da doença.

O ensino, portanto, teria de se desapegar da biologia, como razão científica para a saúde, e estabelecer o inter cruzamento com a psicologia, as humanidades (psiquismo afetivo e cognitivo) e as ciências sociais e humanas (saúde e sociedade, saúde e história etc.) para uma reforma da educação não apenas instrumental, mas de projeto político pedagógico. (CARVALHO & CECCIM, 2006, p.11)

No decorrer do estágio que realizei na Escola do GHC, Grupo Hospitalar Conceição, trabalhei com alunos da área da saúde, juntamente com colegas da Licenciatura, dentro de uma proposta de planejamento compartilhado, questões sobre Ética. A cena relatada anteriormente esteve muito presente, principalmente ao realizar o planejamento das aulas. Sempre entendia que poderíamos fazer uma abordagem focada nesses aspectos éticos para sensibilizar futuros profissionais, tentando evitar assim, casos como esse.

Em uma das aulas, trabalhei com os alunos sobre os Sete Dilemas Éticos, sendo que um dos dilemas diz respeito a Conviver com Atos Antiéticos. Uma pesquisa divulgada pela *Revista Exame online*, lançada pelo ICTS, mostra que 80% dos profissionais podem se desviar da conduta ética. Pouco mais da metade dos participantes da pesquisa citada disse não ter restrições à convivência com a falta de ética na empresa. O índice sobe para 55% e 59% quando se trata de profissionais sem curso superior que recebem até R\$ 3 mil e de funcionários operacionais, respectivamente.

Em outra aula, trabalhei com os alunos o tema: Ética Profissional x Ética Pessoal. A abordagem provocava uma discussão sobre o comportamento ético baseado

nas convicções pessoais, cumprimento de leis e o medo, enquanto ferramenta de coerção. Integridade, honestidade e bom senso como reguladores da ética profissional.

No campo da saúde, a relação entre ética e a prática profissional é ainda mais importante, a considerar a influência dessa relação na manutenção do efeito bem estar das pessoas e como relata Buss (1990), na construção de um sistema de saúde que realmente opere com compromisso social, qualificação e postura ética. Por essa razão, a ética não pode e não deve estar nunca isolada da prática profissional, haja vista. Por tudo isso, pode-se dizer que a ética profissional se constitui em um conjunto de normas de conduta, que obrigatoriamente deverão ser colocadas em práticas no exercício de qualquer profissão, principalmente quando relacionada à área da saúde. Sendo importante ressaltar que as reflexões da ética para os profissionais de saúde, nesse sentido, implicam a observância, em especial, dos “deveres e responsabilidades no exercício das atividades assistenciais” (GRACIANO; BADIM, 2009, p. 37-38, apud COSTA, 2012, p. 5).

Trabalhar ética, capacidade de dar e receber, empatia, bom senso, sensibilidade parece não ser conteúdo para uma atividade de aula se não considerarmos o aluno que temos e com quem irá trabalhar. Muito se fala que são atributos desenvolvidos ao longo do desenvolvimento de cada um, porém na formação de profissionais da área da saúde, esses são conteúdos que necessitam ser desenvolvidos continuamente.

(...) Desse modo, a reflexão da ética para os profissionais da saúde assume papel extremamente relevante na qualidade do comportamento humano, nos diversos relacionamentos profissionais, e funciona na prática como um conjunto de princípios éticos normativos que, de forma geral, busca garantir a integridade do grupo e ao mesmo tempo o bem-estar da classe profissional. (COSTA, 2012, p.5)

Voltando à cena descrita, posso assegurar que naquele momento faltou uma postura ética da equipe, faltou capacidade de se colocar no lugar do outro, faltou sensibilidade. Se fosse psicóloga institucional poderia propor uma reflexão para o grupo sobre o funcionamento e a forma de atenderem os pacientes. Mas como Docente em Psicologia, um novo olhar se abre. Uma nova reflexão se torna possível. Não sei se poderia propor a esses profissionais uma pausa para um treinamento com aulas de relações humanas, ética profissional e pessoal. Mas seria um bom caminho a percorrer para tentar sensibilizar essa equipe sobre sua forma de atender seus pacientes.



Repensar a formação dos profissionais da saúde, principalmente na dimensão ética do fazer cotidiano, é ponto fundamental na atualidade, visto que as transformações ocorrem numa escala incontrolável e as questões humanas estão fortemente condicionadas ao avanço técnico-científico revolucionário, levando o homem a mudanças no seu modo de pensar, de agir, de ser ético (FURLAN, 2008, p. 1, apud COSTA, 2012, p. 7).

Como equipes de profissionais da área da saúde diariamente estão em formação, nas escolas e nos hospitais, provocar essas reflexões poderia ser antes de tudo, uma mudança de crenças e hábitos. Sensibilizar para prevenir. Sensibilizar para mudar.

## CONCLUSÕES

Quando iniciei o curso de Licenciatura em 2011, na UFRGS, imaginava que muitas coisas seriam repetição do que havia estudado lá na minha graduação, nas aulas relacionadas à Psicologia Escolar. Eu não tinha nenhuma compreensão sobre a diferenciação da minha formação anterior com a formação docente que estava iniciando. Mas resolvi encarar e estar aberta para esses novos ensinamentos.

Muitas aulas sobre teorias, que não me eram novas, porém com novo enfoque. Dessa vez possibilitando estar mais envolvida com planejamento, teorias de ensino, metodologias e avaliações. Muitas aulas sobre diferenças e inclusão. Ai, uma grande particularidade: com o passar de tantos anos longe da Universidade, assistir, refletir e participar da evolução social e educacional sobre as diferenças e a inclusão de alunos com necessidades especiais foi muito bom e possibilitou sensibilizar-me ainda mais sobre esse assunto.

Mas foi durante meu envolvimento com o estágio e o trabalho de conclusão que me deparei realmente com as diferenças de ser, de agir e de pensar no papel docente. Um papel particularmente mais comprometido com a educação.

A todo o momento que me coloquei diante dos alunos, junto com meus colegas e supervisora, debatendo e pensando, planejando, bem como nas leituras e buscas para planejar as aulas tive claro que ser docente em Psicologia é bem diferente do que ser Psicóloga na sala de aula. Um limite tênue entre um papel e outro. Um não mais importante do que o outro, um podendo complementar e aprofundar o outro. Claro que

não tenho como deixar na porta da sala de aula minhas experiências, crenças e teorias, como psicóloga clínica. Mas posso tentar utilizá-las como referencial interno dos meus saberes. Saberes esses que podem me dar melhores possibilidades de trabalho com os alunos, mas que não posso jamais deixar me cegar ou endurecer na minha atividade docente. Preciso sempre ser sensível aos alunos e suas demandas, visando uma postura ética e de aprendizado contínuo.

## REFERÊNCIAS

CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa; MINAYO, Maria Cecília de Souza; AKERMAN, Marco; DRUMOND Júnior, Marcos; CARVALHO, Yara Maria de. “Tratado de Saúde Coletiva”. Rio de Janeiro, Hucitec; Fiocruz, 2006, p.149-182. COSTA, Elaine DoroMardegan et al. “Prática da Ética para Profissionais no Campo da Saúde”. Revista Funec Científica Multidisciplinar, v. 1, n. 2, 2012. Disponível em: [www.funecsantafe.edu.br/SeerFunec/index.php/rfc/article/.../46/37](http://www.funecsantafe.edu.br/SeerFunec/index.php/rfc/article/.../46/37) - 2012.

HAGE, Maria do Socorro Castro. - “Formação de Professores: reflexões sobre seu saber/fazer, em A Formação de Professores a partir de suas Narrativas de Vida: estudo de uma experiência em Belém do Pará. São Paulo, 2010.

LONGAREZI, Andréa Maturano e ALVES, Tamarisa de Camargo. “Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)”, Volume 13, nº 1, Jan./Junho de 2009 - p. 125-132.

PASQUOTTO, P. F. - Do psicólogo que quer ser professor: a situação da Licenciatura em Psicologia. In MARASCHIN, Cleci, FREITAS, Lia Beatriz de Lucca e CARVALHO, Diana Carvalho de, - “Psicologia & Educação: multiversos sentidos, olhares e experiências” – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

NÓVOA, António, coord. - "Os professores e a sua formação". Lisboa: Dom Quixote, 1992, p. 13-33.

Revista EXAME *online* - <http://exame.abril.com.br/carreira/noticias/7-dilemas-eticos-e-como-os-profissionais-reagem-a-eles> - acesso em 11/06/2013.

SEKKEL, Marie Claire e BARROS, Carlos César (org.) Licenciatura em Psicologia – Temas Atuais. Editora Zagodoni, São Paulo – SP, 2013.

SOLIGO, Ângela Fátima e AZZI, Roberta Gurgel, Ano da Psicologia - Textos Geradores, agosto de 2008, Conselho Federal de Psicologia. [www.pol.org.br](http://www.pol.org.br)

---



